

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO (PUC-SP)

VITÓRIA RUIS DE SOUZA PIRES

A Representação das Mulheres Afegãs na mídia Ocidental: uma análise feita a partir dos discursos de “salvação dessas mulheres” que se perpetuaram com a retirada das tropas americanas do Afeganistão (2020-2021).

São Paulo

2023

VITÓRIA RUIS DE SOUZA PIRES

A Representação das Mulheres Afegãs na mídia Ocidental: uma análise feita a partir dos discursos de “salvação dessas mulheres” que se perpetuaram com a retirada das tropas americanas do Afeganistão (2020-2021).

Trabalho de Conclusão de Curso pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP)
Orientador: Rodrigo Augusto Duarte Amaral

São Paulo

2024

RESUMO

O presente projeto busca analisar a representação das mulheres muçulmanas na mídia, a partir da retirada das tropas estadunidenses do Afeganistão (2020-2021). Com a retirada das tropas americanas, muitos veículos de comunicação global voltaram suas coberturas para retratar a opressão das mulheres afegãs durante esse período. Desse modo, o texto analisará o destaque dado à mulher muçulmana para retratar o episódio e como os veículos de comunicação fizeram a construção da imagem das afegãs e reforçaram o discurso de que “nós precisamos salvar essas mulheres”. No mais, estudarei como a mídia endossa voluntariamente, ou involuntariamente, o discurso ocidental de atraso e submissão da figura da mulher muçulmana procurando compreender as razões pelas quais isso foi particularmente ressaltado no contexto da retomada do Talibã ao poder. Farei a análise com ênfase nas publicações dos grandes editoriais brasileiros, justamente pela grande notoriedade e repercussão que o assunto gerou em âmbito nacional. Durante o projeto, além de explorar a mídia como um forte ator político e formador de opiniões, pretendo discorrer sobre como esse discurso de salvamento corrobora para o argumento intervencionista pretendo fazer uma revisão bibliográfica sobre Feminismo Islâmico para fundamentar meu argumento.

Palavras-Chaves: Mídia brasileira. Mulheres Afegãs. Feminismo Islâmico.

ABSTRACT

This project seeks to analyze the representation of Muslim women in the media, from the withdrawal of American troops from Afghanistan (2020-2021). With the withdrawal of American troops, many global media outlets turned their covers to portray the oppression of Afghan women during this period. In this way, the text will analyze the prominence given to the Muslim woman to portray the episode and how the media made the construction of the image of the Afghans and reinforced the discourse that "we need to save these women". In addition, I will study how the media voluntarily, or involuntarily, endorses the Western discourse of delay and submission of the figure of the Muslim woman seeking to understand the reasons why this was particularly highlighted in the context of the Taliban's resumption to power. I will make the analysis with emphasis on the publications of the major Brazilian editorials, precisely because of the great notoriety and repercussion that the subject generated at the national level. During the project, in addition to exploring the media as a strong political actor and opinion maker, I intend to discuss how this salvage speech corroborates the interventionist argument I intend to do a literature review on Islamic Feminism to support my argument.

Keywords: *Brazilian media. Afghan women. Islamic feminism*

5SUMÁRIO

A Representação das Mulheres Afegãs na mídia Ocidental: uma análise feita a partir dos discursos de “salvação dessas mulheres” que se perpetuaram com a retirada das tropas americanas do Afeganistão (2020-2021).

1	INTRODUÇÃO.....	5
2	A MÍDIA COMO UM ATOR POLÍTICO IMPARCIAL.....	8
2.1	A MÍDIA COMO UM ATOR POLÍTICO.....	8
2.2	A MANIPULAÇÃO DA MÍDIA.....	10
3	A COBERTURA INTERNACIONAL DO EVENTO E A REPRESENTAÇÃO DA MULHER MUÇULMANA NA MÍDIA OCIDENTAL.....	12
3.1	O PROCESSO DE RETIRADA DAS TROPAS ESTADUNIDENSES DO AFEGANISTÃO.....	12
3.2	METODOLOGIA UTILIZADA.....	12
3.3	RESULTADOS DA PESQUISA.....	14
4	O FEMINISMO ISLÂMICO.....	20
5	A CONSTRUÇÃO DO DISCURSO DE SALVAÇÃO/LIBERTAÇÃO DESSAS MULHERES.....	24
6	CONCLUSÃO.....	28
7	REFERÊNCIAS.....	29

1 INTRODUÇÃO

Em 17 de novembro de 2001, a Primeira-Dama americana, Laura Bush, fez um discurso oficial em uma rádio, dirigido para toda a nação. O posicionamento oficial referia-se a invasão estadunidense ao Afeganistão e como essa ocupação fazia parte de um grande plano norte-americano para libertar as mulheres afegãs das mãos dos terroristas.

“That regime is now in retreat across much of the country, and the people of Afghanistan, especially women, are rejoicing. Afghan women know through hard experience what the rest of the world is discovering: The brutal oppression of women is a central goal of the terrorists.” (BUSH, Laura, 2001)

O Discurso ganhou grande repercussão e o mundo se solidarizou pela causa nobre a favor da libertação das afegãs. Do mesmo modo, quando os EUA retiraram suas tropas do Afeganistão, após 21 anos de ocupação, a solidariedade por essas “pobres mulheres” voltou à tona, juntamente com a ideia de que precisamos salvar as mulheres muçulmanas. Para melhor compreensão desse discurso é preciso dar um salto para trás e entender o contexto do período:

Os ataques do dia 11 de setembro fazem parte dos episódios mais fatídicos da história que iriam mudar o mundo para sempre. A destruição dos principais polos de poder dos EUA, até então conhecido como o país mais seguro do mundo, onde nada entrava e nada saía sem uma supervisão do governo, abalou o globo. Com o terror sendo disseminado, não demorou muito para que o presidente George W. Bush declarasse “Guerra ao Terror” e começasse a caçada dos grupos terroristas que os próprios americanos ajudaram a criar.

Em 2001, o Afeganistão era uma “presa” fácil para iniciar as medidas contraterroristas do governo Bush: o país estava fragilizado e passava por uma ebulição interna justificada por suas crises políticas e econômicas causadas pelas invasões no país. O Talibã, que durante a guerra-civil foi financiado pelos EUA, havia derrubado a ocupação soviética e assumido o poder. No entanto, o atual governo não era reconhecido pela comunidade internacional e as suspeitas da conexão entre o Talibã e a AL-Qaeda era tudo o que os americanos precisavam para justificar a invasão.

Desse modo, a intervenção norte-americana no Afeganistão aconteceu em outubro de 2001, após os atentados. Durante os primeiros meses de intervenção, o governo do Talibã foi derrubado e os EUA iniciaram uma tentativa de *state-building* no país. Em 2004, com uma nova constituição aprovada, Hamid Karzai é eleito novo presidente e os anos que se sucedem serão caracterizados por erros e despreparo americano (VELASCO, 2022, p. 14).

Os 20 anos de ocupação estadunidenses foram marcados pela forte corrupção: “A falta de fiscalização sobre os milhares de dólares que são investidos mensalmente no país, o

recorrente pagamento de propina e a receita que é recolhida do tráfico de drogas alimentam o sistema corrupto do Afeganistão.” (LIMA, 2012, p. 66). Segundo uma auditoria feita, em 2011, pelo Inspetor-Geral da Reconstrução do Afeganistão, a maior parte da assistência dada pelos EUA foi mal gerida pela falta de fiscalização e a corrupção por parte dos oficiais afegãos.

Dessa forma, os fundos investidos ficaram vulneráveis a fraudes e a desvios insurgentes, que resultaram, também, em um aumento exponencial de tráfico de drogas na região que caracterizou o Afeganistão como maior produtor de ópio no mundo. Sendo assim, a problemática da corrupção endêmica afegã e a falta de conhecimento e estratégia estadunidense, tornou a reconstrução do país praticamente impossível. (SIGAR, 2021, p. 13).

A SIGAR (Special Inspector General for Afghanistan Reconstruction), principal autoridade supervisora do governo dos EUA na reconstrução do Afeganistão, revelou, por meio de um relatório feito em 2021, que o governo dos EUA gastou mais de 145 bilhões de dólares em 20 anos de intervenção. Além disso, o Departamento de Defesa também investiu 837 bilhões de dólares em combates e os saldos foram: 2.443 soldados americanos e 1.144 soldados aliados mortos e outros 20.666 soldados americanos feridos. Do outro lado, morreram mais de 66.000 soldados afegãos, 48.000 civis, dos quais 75.000 ficaram feridos.

A economia afegã, por sua vez, pouco evoluiu apesar dos grandes investimentos. Os planos de reconstrução sofreram atrasos em praticamente todas as áreas e os objetivos feitos nos anos de ocupação foram frustrados. (VELASCO, 2022, p.23). Todavia, quando o presidente Donald Trump assumiu a Casa Branca em 2017, ele prometeu encerrar as longas “guerras sem fim” americanas.

As negociações do governo norte-americano com o Talibã para encerrar o conflito, tomaram forma em 2018, quando Trump encarregou, Zalmay Khalilzad, enviado especial dos EUA ao Afeganistão para negociar um acordo em Doha, no Catar. Após várias interrupções, as negociações prosseguiram quando Washington finalmente aceitou as exigências do grupo afegão. A princípio os Estados Unidos concordaram com uma redução inicial de suas forças de 13 para 8,6 mil soldados até julho de 2020 e por fim, a retirada total aconteceria em 1 de maio de 2021.

Como parte das negociações, o Talibã não deveria permitir que a AL-Qaeda ou qualquer outro grupo extremista operasse nas áreas de controle dos EUA e seus aliados militares da OTAN (Organização do Tratado Atlântico Norte). No mais, 5 mil militantes talibãs foram liberados nos meses seguintes ao acordo e os americanos prometeram suspender as sanções contra o grupo. Nesse ínterim, a administração do atual presidente, Joe Biden, anunciou que continuaria a retirada que se concretizou em 30 de agosto de 2021.

Mesmo com o claro fracasso da missão de importar os valores democráticos e liberais ao Afeganistão, Biden tentou deturpar as intenções americanas com a ocupação e sair do país com a mensagem de dever cumprido “Fomos ao Afeganistão há quase 20 anos para impedir que a al Qaeda voltasse a nos atacar, e conseguimos fazer isso [...] Nosso objetivo nunca foi construir um país. Nunca foi a criação de uma democracia unificada e centralizada” afirmou o presidente, durante o discurso na Casa Branca.

O evento ganhou grande notoriedade na mídia ocidental e saiu na capa dos grandes jornais e revistas. Em geral, a retirada das tropas foi retratada como desastrosa e atordoada, principalmente por ter acontecido às pressas e por ter instaurado um caos local por parte dos civis e soldados afegãos que também queriam deixar o país. A imagem dos aeroportos lotados e de famílias desesperadas para embarcar, incendiou a mídia, que voltou seus olhos para a imagem da afegã como um símbolo da ocupação.

A grande verdade é que a mídia ocidental pouco se importou em retratar as falhas e o insucesso dos 20 anos de ocupação ilegal, as preocupações se voltaram à figura da mulher afegã, que agora estaria em grande perigo e risco, sem os EUA, para salva-as. E como neste século, todos os caminhos parecem levar ao 11 de setembro, desta vez não foi diferente.

Rapidamente as narrativas construídas voltaram a associar que a luta contra o terrorismo seria também uma luta a favor das mulheres. Os enxames de notícias que buscavam trazer luz à questão: “Como ficam os direitos das mulheres com a saída dos EUA?”, “Entenda as opressões que sofrem as mulheres afegãs”, “A vida das mulheres afegãs estão em risco”, “O que é o Talibã?”, “Quem são as mulheres afegãs?”, elucidam muito mais do que uma preocupação com os direitos dessas mulheres, mais uma importação de uma visão orientalista, narrada pelo ocidente que construiu a imagem dessa mulher indisposta de ação e voz, que precisa necessariamente ser salva e liberta. “White men saving brown women from brown men.” (SPIVAK, 1988, apud ABU-LUGDOD, 2013, p. 33).

Portanto, ao longo dos capítulos pretendo analisar como a cobertura da mídia, sobretudo a brasileira, que está pautada sob a lógica do jornalismo e dos valores ocidentais (ARBEX, 2003), reforçou a construção da imagem da afegã como uma mulher essencialmente frágil, naturalmente oprimida e que precisa de salvação. Pretendo destrinchar como é materializado o discurso de libertação dessas mulheres sob a lógica ocidental e rememorar como a mulher foi instrumentalizada para justificar a invasão.

Para isso, irei analisar a cobertura imparcial feita pela mídia, a partir das publicações dos principais jornais brasileiros: Folha de São Paulo, Estadão e O Globo. Em seguida, farei uma revisão bibliográfica sobre o feminismo islâmico, com o objetivo de elucidar as questões

discutidas e aprofundar a análise. Por fim, darei ênfase a forma com que as mulheres muçulmanas são retratadas na mídia e como isso está ligado ao discurso de libertação dessas mulheres.

2 A MÍDIA COMO UM ATOR POLÍTICO IMPARCIAL

Neste capítulo pretendo analisar como a mídia, essencialmente a brasileira, se comporta como um ator político parcial e não imparcial diante dos conflitos. Desse modo a cobertura internacional está integralmente constituída por narrativas e retóricas que se formam a partir da perspectiva dos próprios veículos de comunicação vigentes.

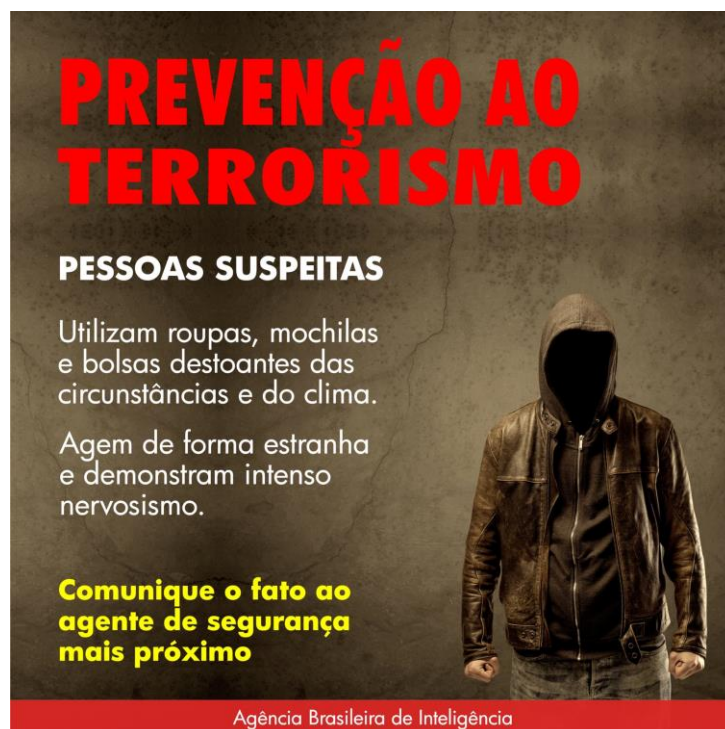
2.1 A MÍDIA COMO UM ATOR POLÍTICO

O mito da mídia como um ator imparcial, já caiu por terra a muito tempo. Sabemos que no cerne de toda notícia reportada e de todo grande veículo de comunicação, há uma ideologia presente. Todavia, as consequências dessa falta de imparcialidade tomam proporções ainda maiores quando consideramos a mídia como um ator político com grande influência nas relações internacionais (GILBOA, 1998).

O norte-americano, Eytan Gilboa, cunhou o termo “media diplomacy” para demonstrar como os meios de comunicação global são instrumentos de controle, negociação e intervenção no cenário internacional. Dessa forma, os Estados passam a usar da complexidade dessa sociedade como um aparato para a política externa, numa tentativa real de ampliar suas capacidades de êxito no jogo de poder internacional. Podemos observar esse fenômeno, por meio da grande campanha feita a “Guerra ao Terror”, na qual pode-se observar uma submissão generalizada da mídia ocidental frente aos EUA.

O discurso de guerra contra o eixo do mal, alinhou todos os atores políticos do ocidente em uma única causa e a mídia não ficou de fora. A grande visibilidade dada ao evento, causou pânico até mesmo entre os brasileiros, que começaram a divulgar propagandas antiterroristas no país. O assunto foi instigado ainda mais pelos grandes veículos, como O Estado de São Paulo que utilizou de matérias sensacionalistas ao tratar sobre o assunto “Abin confirma ameaça do EI ao Brasil e amplia monitoramento de suspeitos” (2016).

Figura 1 - Propaganda antiterrorista



Fonte: UOL, 2016

Sabemos que o Brasil tem inúmeros problemas a serem combatidos e nem de longe o terrorismo é um deles. O que explica então essas propagandas e o enorme medo gerado pós 11 de setembro? O “efeito CNN” pode ser utilizado para justificar essas ações. Essa teoria se baseia em explicar como a cobertura midiática, sobretudo a televisiva, de grandes acontecimentos, influencia o próprio processo de decisão política doméstica e internacional. Nesse caso, vemos claramente as coberturas jornalísticas alinhadas com o posicionamento do Estado brasileiro, por meio de uma postura pró-americana e por consequência, antiterrorista. É a própria diplomacia midiática de Gilboa em ação!

Nesse contexto, a comoção gerada pelo fatídico evento e o misto de medo e incerteza de um próximo ataque a qualquer lugar e a qualquer hora, deu todo o respaldo que os americanos precisavam para justificar suas próximas ações. No mais, uma segunda “causa nobre” foi suscitada: a salvação das mulheres das mãos dos terroristas! A invasão do Afeganistão, bem como a manutenção das tropas estadunidenses no país, ganhou uma nova entonação e o foco da ocupação foi direcionado à figura da Mulher afegã, essa que precisava ser salva, liberta e justificada. Os mesmos discursos serão reproduzidos com afinco em agosto de 2021, quando os americanos decidem retirar suas tropas do país afegão.

Em um segundo momento, Gilboa reflete sobre a capacidade da mídia de criar e reter informações. Assim, a mídia é capaz de incutir na mente do telespectador quais são os fatos mais importantes em escala de hierarquia, uma vez que os portais e os impressos colocam na primeira capa o que eles consideram como principal, e os telejornais abrem suas edições também com o fato de que eles entendem como sendo de maior vinculação.

Desse modo, a mídia seria um quarto poder, atuando nas decisões, propagação de discursos e na condução de políticas internacionais. Isso torna a imparcialidade um mito, uma vez que, a mídia é utilizada como um instrumento manipulador para construir consensos e produzir realidades parciais.

“A grande mídia constitui, hoje – com todas as suas complexidades, os seus paradoxos e contradições – uma coluna de sustentação do poder. Ela é imprescindível, como fonte legitimadora das medidas políticas anunciadas pelos governantes, e das “estratégias de mercado” adotadas pelas grandes corporações e pelo capital financeiro. Constrói consensos, educa percepções, produz “realidades” parciais apresentadas como a totalidade do mundo, mente, distorce os fatos, falsifica, mistifica – atua, enfim, como um “partido” que, proclamando-se porta-voz e espelho dos “interesses gerais” da sociedade civil, defende os interesses específicos de seus proprietários privados.” (ARBEX, 2016, p.39)

2.2 A MANIPULAÇÃO DA MÍDIA

Com base no exposto acima e para melhor compreensão de como essa manipulação é concebida, o manual da Fundação Perseu Abramo descreve de forma detalhada quais são os padrões de manipulação na grande imprensa:

O primeiro deles é chamado de “Padrão de ocultação”: se refere a ausência de alguns fatos noticiados em detrimento da presença de outros. Esse padrão, geralmente, opera nas ações preliminares na busca de informações e atua ativamente nas escolhas das pautas. Em síntese, o que é e o que deixa de ser escolhido para narrar um fato, diz muito sobre o discurso que a imprensa deseja construir e levar até o leitor. Essa parcialidade produzida pela ocultação de alguns fatos da realidade, se constitui como uma forma de manipulação, uma vez que gera uma concepção dominante contra os fatos ocultados. (ARBEX, 2016, p.42)

Em seguida, temos um segundo padrão chamado de “Padrão de Fragmentação”: nesse caso, os fatos considerados não relevantes e não-jornalísticos pela imprensa, não são noticiados.

Esse movimento de estilhaçar os fatos e particularizar pedaços singulares, forma uma realidade ficcional e produz uma distorção do que é real gerada pela grande descontextualização. Esse padrão também se originaliza no planejamento da pauta, através da seleção de aspectos do fato e, seguindo o mesmo princípio da ocultação, a dissociação de um fato atrelado a uma realidade, provoca uma manipulação. Todavia, ao contrário do que se pode pensar, os critérios para a seleção e a não seleção da matéria, pouco tem relação com a natureza das características do fato a ser noticiado, mas sim as decisões impostas e adotadas pela imprensa.

Logo em seguida temos o “Padrão da Inversão”, que opera justamente na reorganização das partes de matéria. A troca e substituição de lugares em ordem de “importância”, com o objetivo de dar mais destaque a um fato do que outro, constitui a desintegração da realidade original. Sendo assim, o texto passa a ser mais importante que o fato que ele reproduz: “não é o fato em si que passa a importar, mas a versão que dele tem o órgão de imprensa” (ARBEX, 2016, p.44)

Por fim, o “Padrão de Indução” faz com que o leitor veja o mundo como a imprensa quer que ele veja e não como ele é de fato. Esse padrão é o resultado da combinação de todos os outros padrões que incidem sobre a manipulação da mídia.

“Alguns assuntos jamais, ou quase nunca, são tratados pela imprensa, enquanto outros aparecem quase todo o dia. Alguns segmentos sociais são vistos pela imprensa apenas sob alguns ângulos, enquanto permanece na obscuridade toda a complexa riqueza de suas vidas e suas atividades. Alguns personagens jamais aparecem em muitos órgãos de comunicação, enquanto outros comparecem abusivamente, à saciedade, com uma irritante e enjoativa frequência.” (ARBEX, 2016, Id., p.50)

Com isso, é possível observar os padrões de manipulação utilizados pela mídia, pondo fim ao mito da imparcialidade. Ademais, é pode-se observar como a construção das matérias feitas pela imprensa podem conduzir e influenciar nas decisões políticas, além de ditar o pensamento popular. Desse modo, no próximo capítulo vou analisar como esses padrões foram utilizados pelos grandes veículos para fazer a cobertura da retirada das tropas americanas no Afeganistão e como isso influenciou na criação de discursos e ideias perigosas a despeito das mulheres afegãs.

3 A COBERTURA INTERNACIONAL DO EVENTO E A REPRESENTAÇÃO DA MULHER MUÇULMANA NA MÍDIA OCIDENTAL

Neste capítulo vou analisar como as grandes mídias brasileiras fizeram a cobertura do evento e como as produções jornalísticas se voltaram à questão da mulher como prerrogativa central. Nesse sentido, fiz a escolha dos 3 maiores jornais brasileiros para utilizar como objeto de estudo, apesar do decorrer do texto trazer outros veículos para contribuir com a análise. A escolha dos jornais foi feita de acordo com o maior grau de alcance dos veículos no país: Folha de São Paulo, O Globo e O Estado de São Paulo.

Em primeiro plano, vou discorrer como foi o processo de retirada das tropas americanas do Afeganistão e em seguida mostrar como o evento foi reportado pela mídia, através de um levantamento de dados utilizando uma metodologia quantitativa e qualitativa. Por fim, vou analisar como os resultados produzidos nos permitem enxergar os padrões de manipulações vistos no capítulo anterior e como eles influenciaram para a criação e reprodução de discursos perigosos a respeito das mulheres afegãs.

3.1 O PROCESSO DE RETIRADA DAS TROPAS ESTADUNIDENSES DO AFEGANISTÃO

A retirada das tropas americanas do Afeganistão começou a ser instigada pelo ex-presidente Donald Trump, que em suas redes sociais, criticava duramente os contingentes gastos militares no Afeganistão durante o governo Obama. Já em 2017 com a chegada de Trump ao poder, o cenário foi contradizente, uma vez que suas ações minaram seu interesse por uma saída antecipada.

O ex-presidente enviou mais de 3.000 tropas ao Afeganistão para dar suporte e treinar as Forças de Segurança Nacional do Afeganistão. Além disso, houve uma grande intensificação dos ataques com drones que resultaram com o saldo de 2.798 civis afegãos mortos em janeiro e setembro de 2018 (UNAMA, 2018). A nova estratégia militar de Trump, focada no lema “American First”, previa o aumento de tropas e o número de bombas lançadas pela Força Aérea dos EUA.

Entretanto, o governo estadunidense percebeu que o aumento da contingência e gastos militares estavam fora dos objetivos políticos desenhados. Com isso, a primeira tentativa de acordo com o Taliban foi feita em 2018. Em fevereiro de 2020 um acordo foi assinado em

Doha, no Qatar. O chamado - Acordo para Trazer a Paz ao Afeganistão - previa um cessar fogo, o comprometimento do Taliban em não ajudar outras organizações terroristas em seu território e não auxiliar outras organizações a armar um ataque terrorista contra os EUA. No mais, o ataque também previa a retirada das tropas norte-americanas do Território Afegão.

Nesse sentido, a semana seguinte ao acordo foi marcada pelo ataque das forças Talibã contra o governo do Afeganistão, isso deixou explícito como os americanos falharam ao fortalecer a posição do governo afegão. Dessa forma, o grupo extremista foi ganhando cada vez mais influência no território, de acordo com o mapa da fonte *Long War Journal*, em setembro de 2020, o Taliban controlava 75 distritos e contestava 189, enquanto o governo afegão controlava 133 distritos. (ALMEIDA, 2021, p.27).

Após 20 anos de intervenção, Joe Biden anunciou a retirada final das tropas militares norte-americanas no Afeganistão, que iniciaria em 14 de abril de 2021 até 11 de setembro do mesmo ano. Houve muitos erros da inteligência norte-americana em orquestrar a resistência do governo do Afeganistão frente ao avanço do Taliban.

Sendo assim, o grupo extremista avançou cada vez mais para conquistar o interior do país, pois sabiam que o governo iria colapsar com a saída das tropas estadunidenses. Esse processo turbulento culminou na evacuação da embaixada americana, com cerca de 4 mil funcionários, dentre eles estavam: funcionários do governo, diplomatas, tropas americanas e aliados.

O avanço do Taliban foi rápido e vertiginoso, como o país não possui saída para o mar, o único meio de evacuação era o aeroporto central de Cabul. Com a preocupação de impedir que os aeroportos fossem tomados pelos extremistas, o desespero tomou conta da cidade. Cenas chocantes foram reportadas, desde pessoas caindo das aeronaves superlotadas a mulheres afegãs entregando seus filhos aos soldados americanos.

3.2 METODOLOGIA UTILIZADA

Com o objetivo de aprofundar a análise sobre a cobertura jornalística do evento, eu reuni os três principais jornais brasileiros (Folha de São Paulo, O Globo e Estadão) e selecionei 10 matérias publicadas por esses veículos na semana do evento. Além da leitura minuciosa das matérias, utilizei o site “Site 122”, que pode ser acessado através do link: <https://site122.com/contador-ocorrencia-terminos-texto>, para fazer a contabilização das palavras que mais se repetem no texto.

Dessa forma, coloquei todas as matérias, de forma isolada, no site e fiz uma tabela no Excel com as palavras que mais se repetiam e a frequência em que isso acontecia expressa de forma numérica. No fim, fiz a produção de duas tabelas para cada jornal, a primeira com as palavras com maiores recorrências e depois com a segunda maior classe de palavras que se repetiam com mais frequência.

3.3 RESULTADOS DA PESQUISA

Figura 2 - Folha de São Paulo

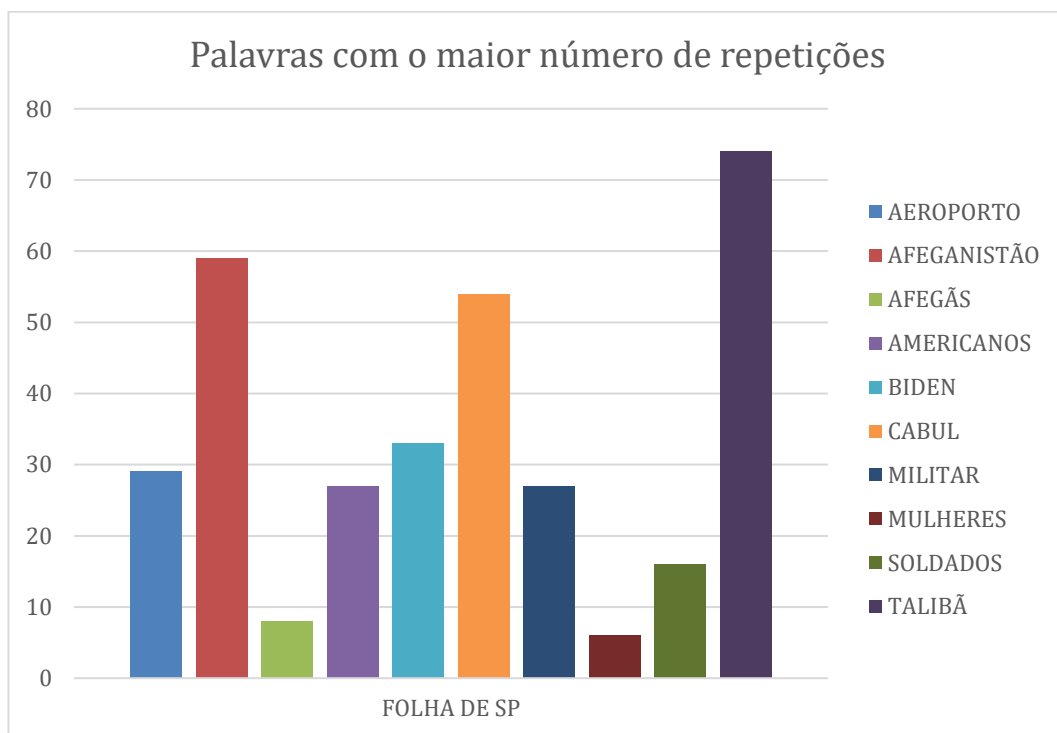
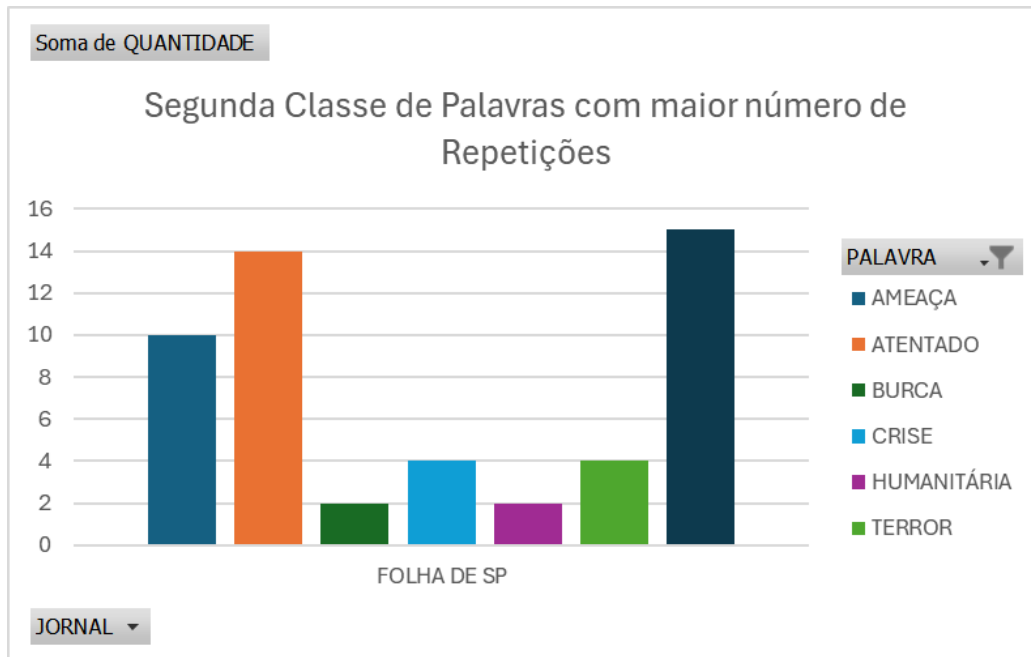


Figura 3 - Folha de São Paulo



Nas publicações feitas pela Folha de São Paulo, podemos observar a recorrência de algumas palavras "óbvias" para retratar o conflito como, Afeganistão, Cabul e americanos. Essas palavras foram utilizadas de forma mais descritiva, com o objetivo de enunciar os fatos in loco. No mais, vemos a grande porcentagem de repetições da palavra "Biden", o atual presidente americano. De fato, nas matérias publicadas pela Folha, o presidente ganha bastante espaço e notoriedade para impor sua posição, por meio de seus discursos, algo que não percebemos em nenhum outro jornal aqui analisado. Em suas falas, Biden busca validar a posição americana no Afeganistão e retrata a retirada como uma espécie de "dever cumprido" e que os afegãos deveriam se unir e lutar pela sua própria nação. Essa posição é criticada nas matérias da Folha, que retratam como o povo afegão foi abandonado e entregue nas mãos do Talibã.

No geral, a maioria das matérias é focada em descrever o grupo como uma extensão extremista do Islã, que ameaça à democracia, os valores neoliberais e perpetua o terror ("Terrorismo" é a palavra que mais se repete no segundo gráfico). Quase em uma amnésia histórica, as práticas do grupo são sempre lembradas e marcadas pela opressão e violência contra as mulheres. O elemento mulher e afegãs, também fazem parte das palavras que mais se repetem! Isso mostra como o foco do evento é direcionado para a questão da mulher como ponto sensível. A ideia da opressão, do uso do Véu e do Hijab como elementos obrigatórios,

também é retratada nas reportagens, como é possível observar no gráfico de segunda classe de palavras.

Figura 4 - O Globo

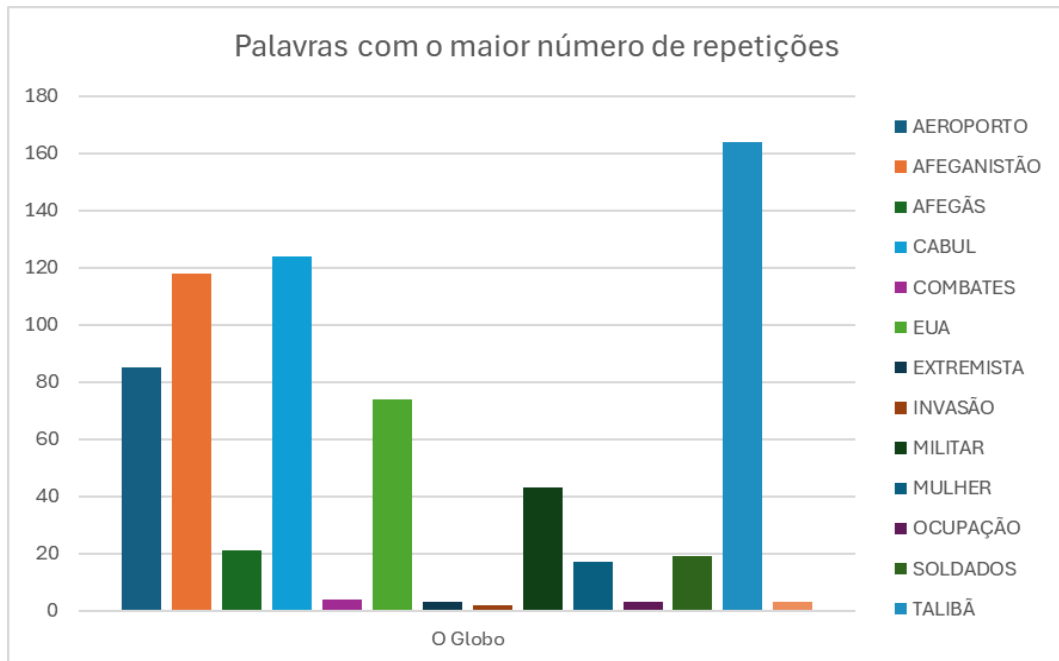
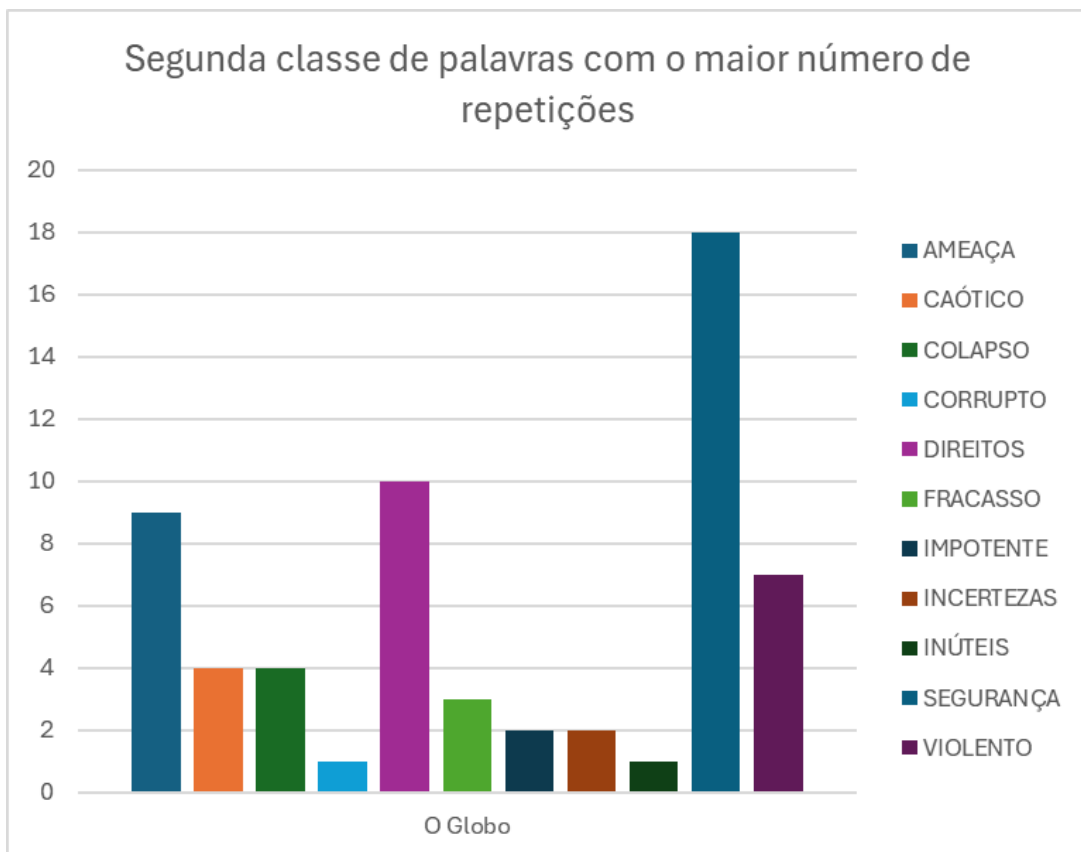


Figura 5 - O Globo



As publicações feitas pelo Globo, seguem um padrão parecido. As palavras que mais se repetem são: Cabul, Talibã e Afeganistão, também usadas para retratar o evento e grupo extremista que mais uma vez ganha notoriedade nas publicações. Um elemento que pode ser destacado é a grande presença da palavra "aeroporto" que aparece em todos os jornais, porém é mais enfatizado pelo Globo. A grande repercussão do aeroporto de Cabul, foi o elemento central utilizado pelo jornal como representação imagética de todo o caos que o país enfrentava naquele momento. Além disso, mulheres e afegãs também fazem parte da classe de palavras mais mencionadas nas matérias.

Já na segunda classe, palavras como ameaça, terrorismo, segurança e violência ganham destaque, pois retratam principalmente as ações do Talibã como grupo opressor e agente de insegurança. Ademais, o elemento terrorismo também é utilizado para rememorar o 11 de setembro e trazer à tona a vitimização estadunidense frente os grupos terroristas e dar aval às ações estadunidenses. A eterna lembrança do atentado também foi utilizada nas publicações como uma forma de justificar a invasão estadunidense para minar o terror e trazer a paz. A saída das tropas representava o rompimento da estabilidade e o retorno do terror à população que incidirá principalmente sobre a mulher. No segundo gráfico é possível observar o aparecimento de palavras como burca e direitos, tratado nas publicações como uma linha tênue entre a opressão e a liberdade das mulheres afegãs. Nesse caso, a retirada das tropas americanas colocaria em xeque o direito dessas mulheres.

Figura 6 - O Estado de São Paulo

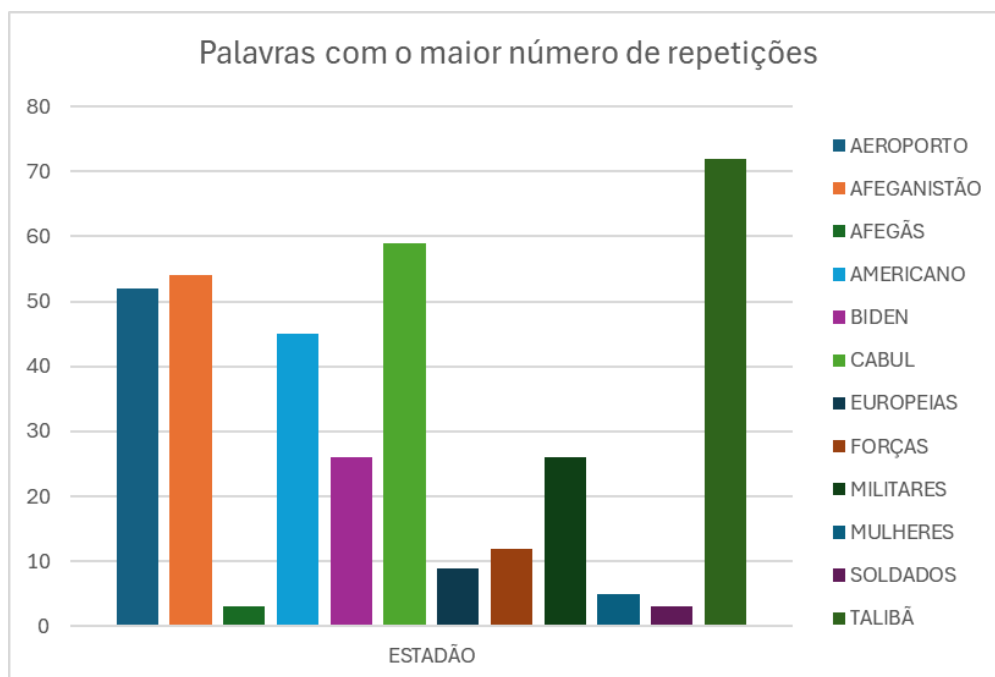
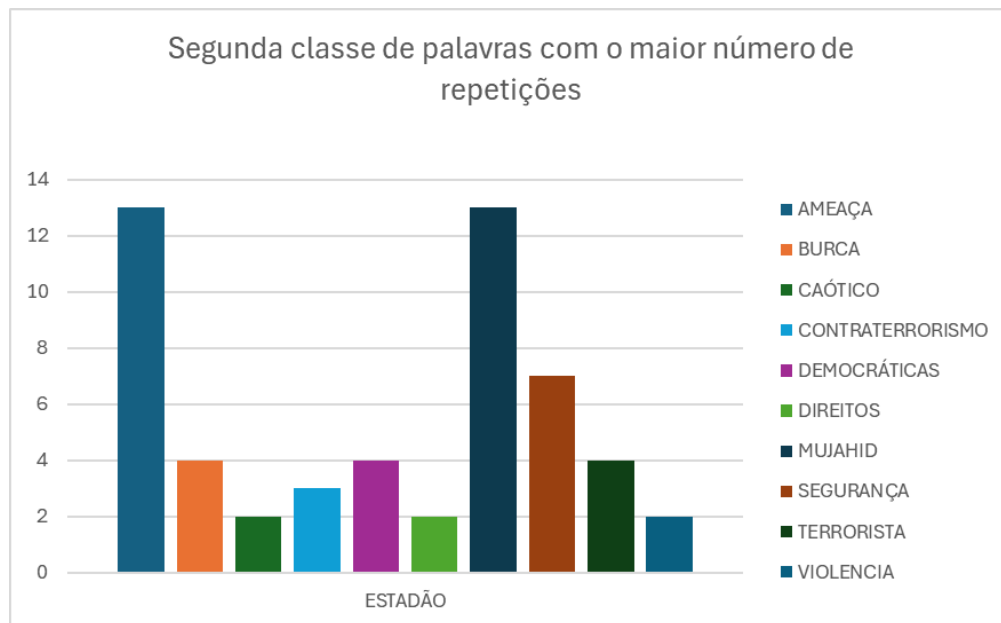


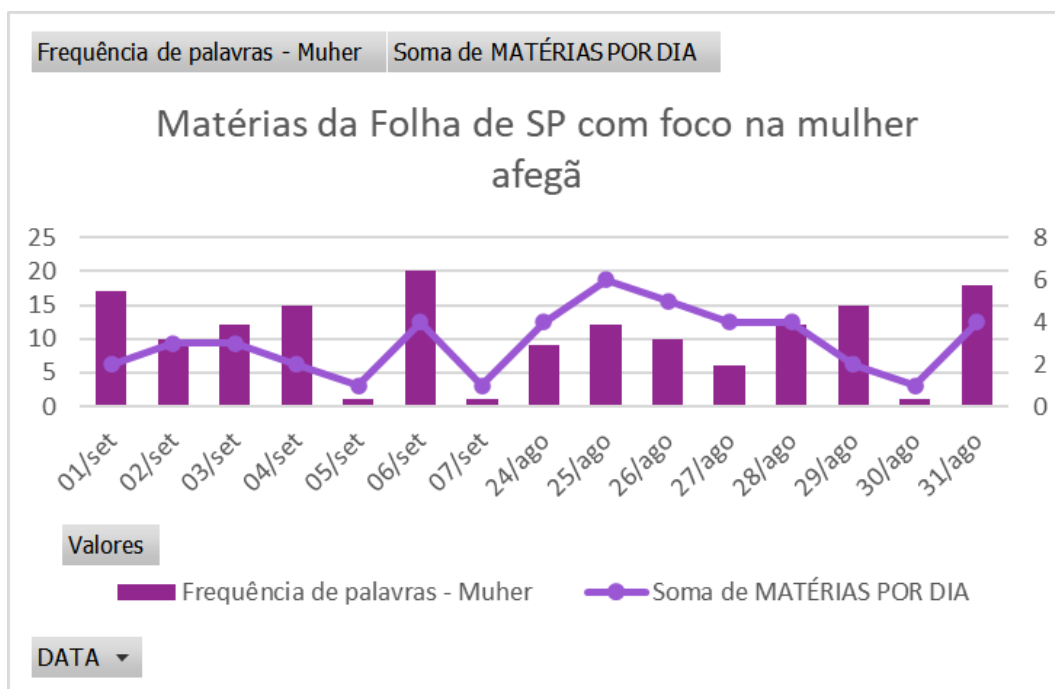
Figura 7 - O Estado de São Paulo



O Estadão, também segue a mesma lógica que os outros jornais ao retratar a retirada das tropas de forma caótica e violenta. A diferença que podemos observar em relação aos outros jornais, é a grande relevância internacional que as publicações dão em relação aos discursos e posições assumidas pelos EUA, assim como a Folha de SP, e a União Europeia. A questão das mulheres também é posta em pauta como evidência da violência e opressão por parte do Talibã. Já a segunda classe de palavras apresenta uma expressiva repetição dos elementos: ameaça e terrorismo, pois em suas matérias o Jornal está a todo momento trazendo elementos e fatos históricos ligados a tradição terrorista e radical do grupo islâmico, bem como as ameaças que eles oferecem para o direito das mulheres. Temas como o 11 de Setembro, também possui alta menção nas pautas.

Além disso, pude observar que entre os três veículos, a Folha de São Paulo foi o jornal que mais voltou sua pauta para a questão da opressão e do direito das mulheres. Visto isso, fiz uma análise com base nas publicações da Folha do dia 24 de agosto (uma semana antes da retirada oficial) até o dia 07 de setembro (uma semana depois da retirada oficial). A coleta de dados foi feita na própria página do jornal, através da seleção de datas específicas e da busca das palavras chaves: Afeganistão, Talibã e Mulher. Coletei todas as matérias do período e utilizei o mesmo site para fazer a contabilização da palavra - mulher - ao todo foram 46 matérias publicadas no período e absolutamente todas traziam a questão da mulher em pauta, como é possível observar no gráfico abaixo.

Figura 8 - Matérias da Folha sobre mulheres



O Gráfico explicita a relação de matérias publicadas e o elemento - mulher - presente nas publicações. Apenas as matérias dos dias 30/08, 07/09 e 05/09 citam a questão da mulher apenas 1 vez de forma breve durante o texto, por isso não considerei que essas matérias destinaram parte do texto para direcionar o foco na mulher. No entanto, todas as outras citam a situação das mulheres bem mais de uma vez e esse foi o padrão determinado para concluir que parte do texto direcionava seu foco para essa questão. Ainda assim é um número muito expressivo, se desconsideramos as 3 matérias que fazem citações mais breves, ainda teremos 43 equivalentes a 93% das matérias publicadas. Dentre elas, apenas 3 matérias são dedicadas a reportar os protestos e manifestações feitas pelas afegãs contra o regime Talibã.

As demais matérias focam na segurança da mulher e como ela estaria em xeque com a saída dos norte-americanos no Afeganistão. No geral, as matérias são destinadas a reportar a opressão que as mulheres sofrem com a ascensão do Talibã e como isso implica em sua falta de liberdade novamente.

Consustancialmente, a ausência de matérias que noticiam o forte movimento de manifestações e protestos liderados pelas mulheres dentro do Afeganistão, representa o primeiro padrão de manipulação descrito no capítulo 2.2. O padrão de ocultação reflete justamente a ausência de alguns fatos noticiados em detrimento de outros. Nesse caso, a mídia pouco retratou o movimento das mulheres afegãs contra o Talibã, a partir disso, a manipulação é propagada, ao criar no imaginário popular a ideia de que as afegãs não possuem voz própria

e não são capazes de se organizar politicamente e lutar pelos seus próprios direitos. Os jornais retratam mulheres inativas, oprimidas, sem forças e que precisam ser salvas. No próximo capítulo, aprofundará as organizações criadas pelas afegãs e a movimentação política feita por elas no Afeganistão.

Em seguida, o padrão de manipulação também pode ser analisado, ao compreender a escolha de alguns fatos serem noticiados com grande atenção, enquanto outros são praticamente excluídos das matérias. A grande atenção voltada para a questão da mulher, feminiliza o objetivo da guerra e cria prerrogativas para justificar a invasão estadunidense. O grande foco da imprensa nessa questão, cria a ideia é que a guerra contra o talibã é essencialmente uma guerra a favor dos direitos das mulheres e por esse objetivo foi com que os estados unidos se mantiveram tanto tempo no país. Todavia, esse pensamento errôneo, exclui todos os objetivos políticos que fizeram os EUA invadirem e manterem suas tropas no Afeganistão durante tantos anos. Essa fragmentação ao retratar os fatos jornalísticos, abrem margem para interpretações arbitrárias e falaciosas quando ocorre a retirada das tropas norte-americanas do país e propaga a imagem heroica dos EUA como sendo um ponto central para a garantia da liberdade da mulher afegã.

Por fim, podemos notar como a escolha de palavras ao noticiar um fato, bem como a seleção do que vai ser reportado, mostra o viés do jornal e induz o leitor a ver um mundo como ele é noticiado pela mídia. “Alguns personagens jamais aparecem em muitos órgãos de comunicação, enquanto outros comparecem abusivamente, à saciedade, com uma irritante e enjoativa frequência.” (ARBEX, 2016, p.50). Não obstante o texto torna-se mais relevante do que o fato que ele reproduz, a versão da imprensa é a que mais importa no final. (ARBEX, 2016, p.44).

4 A O FEMINISMO ISLAMICO

Com o objetivo de melhor fundamentar a argumentação a respeito dos movimentos e ativismos das próprias mulheres afegãs, farei uma revisão sobre o feminismo islâmico e como ele respalda a luta dessas mulheres religiosas frente ao feminismo secular Ocidental. Além disso, o intuito deste capítulo é desmentir a representação feita pela mídia a respeito das muçulmanas como mulheres inativas e sem agenda própria.

Quando falamos de feminismo, o papel da fé na vida das muçulmanas ainda é ignorado e visto como um símbolo de atraso que impede a emancipação dos direitos dessas mulheres. Todavia, dentro do próprio contexto religioso, as mulheres podem experimentar a subordinação

e o empoderamento e a mesma lógica é aplicada quando pensamos nas sociedades seculares. A existência de leis pautadas que não são doutrinas religiosas não garantem a igualdade política e salarial em relação aos direitos das mulheres e dos homens. Se esse fosse o caso, o feminismo seria dispensável. A grande questão é a estrutura fundamentalista de uma sociedade patriarcal, que também se aplica em contextos religiosos e replica esse modelo na interpretação de textos sagrados.

“Afirmar que a lei islâmica é incompatível com os direitos das mulheres significa desconsiderar todo e qualquer efeito das normas interpretativas e consuetudinárias, bem como assumir de plano que ela não está aberta a novas mudanças, o que não é verdade. Para além disso, a alegação da suposta incompatibilidade da lei sagrada com os Direitos Humanos também alega, por via oblíqua, que uma interpretação não seria capaz de tornar o Islã perfeitamente compatível.” (SILVA E CIDRÃO, 2017, p. 276).

A própria socióloga espanhola, Gema Martín Muñoz (1999), diz a respeito dos ocidentais: que seculares têm sido mal-informadas ao buscarem entender os problemas das mulheres no islã, problema esse que não é religioso, mas sim de uma religião usada por uma sociedade patriarcal. Nesse sentido, é importante lembrar que o feminismo sendo uma invenção ocidental, encontra diversas barreiras para aceitar que mulheres islâmicas possam desenvolver suas lutas sem abandonar a religião.

Isso acontece, pois os movimentos feministas do ocidente (de ordem secular) tendem a rejeitar a religião, por pensar que ela gera a subordinação e confinamento das mulheres na esfera privada e muitas vezes pública. Por outro lado, as mulheres islâmicas encontram na própria religião, espaços para se desenvolverem e articularem seus próprios movimentos feministas.

A religião representa uma dimensão importante na vida dessas mulheres e se cruza com outras camadas de identidade, desigualdade e direitos. Érica Appelros (2005) afirma que: é importante perceber como mulheres religiosas inseridas em sistemas que podem ser patriarcais em vários níveis, alcançam diferentes formas de igualdade e criam suas próprias agendas sem caminhar para o secular.

Dito isso, é importante fazer uma revisão da agenda feminista ao longo dos anos. A agenda feminista costuma ser observada a partir de suas “ondas”, que representam momentos históricos de grande efervescência onde determinadas pautas e questões das mulheres surgiam e dominavam o debate. Cada momento histórico possui sua particularidade e demandas diferentes a serem reivindicadas. As ondas também representam a expansão do movimento, em certo sentido, a fim de alcançar outras mulheres com outras pautas em questão além do gênero, como raça e religião.

A primeira onda emerge na época da sociedade industrial e está ligada ao movimento liberal pelo direito das mulheres, como no feminismo socialista do final do século XIX e no início do século XX nos EUA e na Europa. As principais reivindicações da época, eram o acesso à igualdade de oportunidades, além de ter sido caracterizada pela forte crítica às religiões que promoviam a submissão das mulheres. Nesse sentido, o feminismo histórico é anticlerical e rejeita a tradição religiosa como sendo parte integrante de sua estrutura.

A segunda onda começou nas sociedades ocidentais do pós-guerra e manifestou-se como sendo um movimento mais radical, ligado às vozes das mulheres e ao direito à diferença. O objetivo era politizar as mulheres para que elas compreendessem a constituição de suas vidas pessoais e lutassem contra as estruturas de poder sexistas. Foi nesse contexto que a feminista Carol Hanisch, lançou a famosa frase durante os protestos “o pessoal é político”, em 1969, se tornou o slogan da segunda onda do feminismo.

Já na terceira onda, tivemos um aumento de diversidade no movimento. A percepção das intersecções que permeiam a vida das mulheres, começou a se manifestar de forma plural em um feminismo diverso que passou a alcançar mulheres não brancas. Com esse movimento por inclusão, mulheres pretas se levantaram e questionaram as pautas feministas hegemônicas brancas em vigências, que as excluía desse universo. Essas mulheres vão defender um feminismo não imperialista, abandonando reivindicações universais das mulheres pelo simples fato desta não ser a realidade de todas elas (Maria LUGONES; Elizabeth SPELMAN, 1983: 573-76).

Em suma, o feminismo como sendo um movimento social que reivindica as melhores condições de vida das mulheres e, para isso, busca eliminar as desvantagens históricas alcançadas pelos homens ao longo da história. No entanto, muitas teóricas, como Tasia Aránguez Sánchez, que publicou o artigo “Feminismo ou Feminismos?”, preferem utilizar o termo “feminismos” pela diversidade de pautas que o movimento busca respeitar.

Outrossim, em meados de 1960 novas pautas começam a emergir no movimento, a ideia de feminismo “pós-colonial” vem justamente para suprir as diferenças existentes que marcam a vida das mulheres do terceiro mundo. A diferença de qualidade de vida das mulheres em diferentes países, ressalta os privilégios das mulheres do primeiro mundo em relação aos países em desenvolvimento. A feminista pós-colonial, Chandra Mohanty, desaprova o feminismo ocidental por classificá-lo como sendo etnocêntrico. Mohanty afirma que as mulheres do terceiro mundo são enquadradas como um sujeito monolítico singular, um grupo homogêneo de mulheres impotentes, exploradas, oprimidas e assediadas sexualmente. (Chandra MOHANTY, 1984, p.26).

É nesse contexto que as ativistas islâmicas se posicionam, ao enxergar que o feminismo ocidental não se aplica a elas. Nesse sentido, as abordagens de interseccionalidade para além da questão de gênero, geram a noção de que as mulheres passam por várias outras formas de desigualdade: gênero, sexualidade, raça/cor, etnia, religião, Estado, cultura, classe, Norte, Sul e estágio de desenvolvimento social.

O feminismo no Oriente Médio existe há mais de um século e desde sua formação discutem-se os paradigmas entre o “feminismo secular” e o “feminismo islâmico”. Diferente do secular, o feminismo islâmico é constituído unicamente pelo fundamento religioso, embasado no alcorão. Em seu texto “Feminists, Islam, and nation: Gender and the making of modern” (1995) Margot Badran, discorre sobre o surgimento e manutenção do feminismo islâmico, além de afirmar que, tanto as secularistas, quanto as religiosas se preocupam em fazer uma revisão literária do Islã.

Para Badran, não se pode pensar nesses feminismos como sendo movimentos opostos e que não dialogam entre si. Por outro lado, é preciso pensar em movimentos que estabelecem conversas construtivas e que estão unindo forças. “Diante disso, é importante ter em mente que o feminismo é uma planta que cresce somente em seu próprio solo.”

Consubstancialmente, o feminismo islâmico ganha força a uma década e meia atrás nas antigas sociedades islâmicas, quando os direitos das mulheres estavam sendo infringidos. Já na África do Sul, pós-apartheid, mulheres lutavam pela justiça de gênero, bem como as muçulmanas, que em suas próprias comunidades lutaram para frequentarem as mesquitas. No entanto, existem muitos autores que defendem a existência da imposição de um feminismo secular e agora islâmico, por parte do ocidente.

Essa ideia expressa um pensamento limitado do que é o feminismo e não considera suas diversidades e possibilidades de expansão para além das fronteiras ocidentais. O feminismo islâmico busca a noção de igualdade e justiça social para todos a partir das ideias do Alcorão. Para Badran, o confronto existente entre o “feminismo secular” e o “feminismo religioso” expressam uma falta de conhecimento histórico e uma intenção ruim de dificultar a solidariedade entre as mulheres. (Margot BADRAN, 2014).

Em síntese, é preciso enfatizar que não há nenhuma contradição existente entre ser muçulmana e feminista “O argumento básico do feminismo islâmico é que o Alcorão afirma o princípio da igualdade de todos os seres humanos, mas que a prática da igualdade entre mulheres e homens tem sido impedida ou subvertida por ideias patriarcais e práticas.” (VIEIRA, Maria, 2018, p. 8)

Visto isso, podemos ancorar a hermenêutica do feminismo islâmico em três abordagens: 1) revisar os versículos do Alcorão com o objetivo de corrigir equívocos históricos que perpetram a superioridade masculina. 2) a citação de versículos que anunciam a igualdade entre homens e mulheres. 3) desconstruir os versículos que pautam a diferença entre homens e mulheres usados para justificar a dominação masculina. O feminismo islâmico é uma forte arma para auxiliar as mulheres a desmembrar o patriarcado da religião (Margot BADRAN, 2002).

5 CONSTRUÇÃO DO DISCURSO DE SALVAÇÃO/LIBERTAÇÃO DESSAS MULHERES

O mesmo discurso que foi utilizado para justificar a intervenção estadunidense no Afeganistão, voltaria à tona mais uma vez, com a retirada das tropas estadunidenses do país. A grande mídia instigou ainda mais, através de suas publicações, essa necessidade ocidental de levar a salvação para as mulheres afegãs, as quais, foram retratadas como mulheres oprimidas, inativas, sem voz, sem capacidade de lutar pelos seus próprios direitos e que precisavam ser libertas!

A construção desse discurso é perigosa, pois cria um sentimento de infantilização dessas mulheres, que seriam incapazes de lutar suas próprias lutas, pelos seus direitos e defender suas causas. As mulheres islâmicas têm voz própria, nós que não escutamos e achamos que sabemos exatamente o que elas precisam.

A princípio, a ideia de libertação das afegãs foi utilizada para justificar a intervenção americana, a luta contra o terrorismo se tornou uma luta a favor das mulheres, que foram instrumentalizadas para justificar a intervenção. Essa ideia foi comprada e amplamente aceita pela comunidade internacional que apoiou a ocupação.

O artigo publicado por Lila Abu-Lughod “As mulheres muçulmanas precisam realmente de salvação? Reflexões antropológicas sobre o relativismo cultural e seus Outros.” (2012), explora os meandros envolvendo as problemáticas por trás desse discurso. Abu-Lughod, faz uma crítica ao pensar como a questão da mulher se torna uma prerrogativa para entender toda a história por trás desses conflitos, como o apoio dos EUA aos grupos conservadores para minar os interesses soviéticos, como o Afeganistão veio a ser dominado pelo Talibã, o trágico ataque ao World Trade Center. Ou seja, porque a cultura, religião, crenças e o tratamento das mulheres se tornam uma questão mais urgente do que explorar o desenvolvimento de regimes repressivos na região e o papel dos EUA nessa história.

Podemos observar no capítulo anterior, como a mídia focou essencialmente em trazer a figura da mulher muçulmana à tona e deixou de narrar fatos importantes para a compreensão do conflito. Isso nos leva a refletir, porque esses símbolos femininos foram mobilizados na guerra contra o terrorismo, de uma maneira que não foram mobilizados em outros conflitos. Além disso, havia um esforço perceptível da mídia em aproximar o Talibã ao terrorismo, essas duas palavras caminhavam juntas, quase que em sintonia na maioria das publicações analisadas. Esse esforço retomava o propósito da intervenção e angariava as mulheres como símbolo de defesa da guerra contra o terrorismo, que culminou em 21 anos de ocupação. (ABU-LUGHOD, 2012, p.454).

O constante bombardeio de matérias noticiando a opressão feminina, trouxe à tona novamente a necessidade de criar uma agenda ocidental para salvar essas mulheres. A mesma lógica de “Homens brancos salvando mulheres marrons de homens marrons” Spivak, 1988. Essa lógica demonstra a construção das mulheres muçulmanas feita pelo ocidente, a disseminação desse imaginário, acompanha esse sentimento ocidental, quase como uma síndrome colonial, que leva essa necessidade de ir para outros lugares libertar e salvar pessoas marrons.

Essa narrativa construída pode ser repensada a partir do Ted Talk que posteriormente virou um livro, da escritora, Nigeriana Chimamanda Adichie. Em “Os perigos de uma história única” Chimamanda conta como ela foi incendiada por um enorme preconceito, acerca de seus costumes e país, ao estudar nos EUA. O tamanho desconhecimento daquelas pessoas sobre suas origens e seu Estado, fizeram com que seus colegas criassem uma versão sólida do que era a Nigéria: um país pobre, subnutrido, sem qualquer tecnologia os rastros de desenvolvimento e permeado por guerras. Essa história foi contada tantas vezes no noticiário, que virou uma verdade absoluta para as pessoas.

O mesmo pode ser visto, quando pensamos no Afeganistão e nas mulheres muçulmanas. Esse sentimento de “dó” por essas mulheres terem que usar hijab e burca no calor, por não terem liberdade de fazer suas próprias escolhas, por serem totalmente submissas aos homens e tomadas por essa opressão e falta de liberdade. Quem nos contou essa história! uma mentira contada muitas vezes, se torna uma verdade.

Apesar desse tratamento heroico aos americanos, que aparentemente durante os anos de ocupação resguardam a liberdade das mulheres afegãs, demonstram toda uma agenda feminista imposta pelo ocidente. Quando na verdade, pouco avanço houve em relação aos direitos dessas mulheres durante a ocupação. Em 2018, o Afeganistão foi considerado um dos países mais perigosos do mundo para ser mulheres, ficando atrás apenas da Índia. Essa pesquisa feita pela

Thomson Reuters Foundation, revela que mesmo após 17 anos da queda do regime Talibã e ocupação estadunidense, o país ainda se configurava perigoso para as mulheres.

Figura 9 - Situação das mulheres afegãs

Afeganistão – 17 anos após a queda do regime talibã, as mulheres enfrentam diariamente situações terríveis

O Afeganistão, depois de liderar a lista em 2011, foi classificado como o segundo país mais perigoso para as mulheres, nos três principais parâmetros: violência não sexual, violência doméstica, e o pior país no acesso a cuidados de saúde.



Fonte: ACEGIS, 2018

A grande mística por trás desse discurso do salvador, não é eliminar a crueldade do Talibã ou o quanto o regime dificultaria a vida das mulheres. A grande questão, é a imposição de uma agenda que determina exatamente como essas mulheres devem se comportar, se vestir e ditar o que elas precisam. Durante os anos de ocupação, os americanos nunca se preocuparam em ouvir o que essas mulheres realmente precisavam, pois elas possuem suas vozes próprias e uma agenda própria. Apenas elas sabem exatamente o que necessitam.

Essa concepção colonial das mulheres muçulmanas é projetada desde o final do século XVIII. Um grande exemplo de como esse discurso tem sido alimentado, é a fala do Lord Cromer, no Egito: “Estou aqui para libertar as mulheres muçulmanas, estou aqui para libertá-las do islã”. A expressão libertar, se referia justamente a mulheres muçulmanas abandonando sua religião para adotar um modo de vida ocidental. Essa missão libertadora, continua a imperar nas sociedades ocidentais que desejam importar os valores liberais como uma política de governo sobre as mulheres. (Leila AHMED, 1992).

A mulher muçulmana ainda é vista de forma muito preconceituosa e fetichizada pelo bloco ocidental. Elas são constantemente observadas como sendo passivas, submissas e inativas. Isso traz uma sensação de ocultação para essas mulheres, que são vistas como pessoas

sem valor ou utilidade para a sociedade. Em contraposição, temos mulheres ocidentais, vistas como empoderadas, educadas e liberais! Essa visão faz parte da dicotomia “nós versus elas” que estabelecem papéis bem definidos e estereotipados para as muçulmanas.

Com isso, é possível ver a expressão desses preconceitos na mídia, que sempre retratam mulheres muçulmanas como um monólito sem voz. A constante tendência em agrupar muçulmanas como um grande grupo homogêneo e deixam de lado características essenciais, como fatores geográficos, políticos e sociais. “Uma Francesa dificilmente seria confundida com uma mexicana e uma brasileira dificilmente seria classificada como uma italiana, mesmo que todas fossem católicas e tivessem o mesmo sistema de crenças, por exemplo.” (VIEIRA, Maria, 2018, p.5).

No entanto, A interpretação patriarcal das leis islâmicas é responsável por muitos problemas contemporâneos das muçulmanas, como as questões de casamento forçado, divórcio, honra familiar, poligamia e sexualidade. Não podemos eximir que essas questões dificultam a construção dos direitos dessas mulheres, além de alimentar uma visão ocidental estereotipada, que tira as muçulmanas do local de protagonista da sua própria vida e incapazes de serem ativas politicamente.

Figura 10 - Capa da Veja



Fonte: Revista Veja, 2021

A imagem acima é a capa da revista Veja, no dia 25/08/2021, durante o processo da retomada do Talibã ao poder no Afeganistão. A representação simbólica que essa imagem traz, nos permite fazer uma leitura complexa da representação da mulher muçulmana na mídia Ocidental e de como véu islâmico tornou-se um símbolo antifeminista e antiocidental.

Na imagem temos a representação da Estátua da Liberdade norte-americana, coberta por uma burca e segurando em sua mão esquerda um livro, o que possivelmente representa o Alcorão. Na imagem destaca-se o título “Uma derrota da civilização”. São inúmeros elementos que podemos traçar para analisar essa publicação, talvez o próprio artigo poderia resumir-se em estudar essa imagem, mas vamos focar em perceber os elementos principais.

Para começar, temos a representação óbvia da estátua americana, o grande símbolo da liberdade e democracia, atrelado aos EUA, mas, dessa vez, coberto por uma burca, vestimenta tradicional das muçulmanas, principalmente sob o regime do Talibã. Nesse sentido, a mensagem divulgada é que a liberdade das mulheres muçulmanas, antes garantida pelos americanos, agora será perdida. A burca representa justamente essa falta de liberdade e se coloca como um símbolo claro de opressão. Não só isso, a estátua ainda carrega o Alcorão, livro sagrado dos muçulmanos, o que indica que esse “extremismo religioso” seria o grande motivador da opressão sofrida pelas mulheres afegãs. Essa civilização que os EUA supostamente tentaram construir durante os 21 anos de ocupação, agora foi posta em xeque, foram derrotados e o país voltará à “barbárie”, por não ter aderido os valores neoliberais.

A mensagem criminosa que a capa dessa revista passa, é assustadora. A mentira contada por trás dessa imagem, a falácia construída e o discurso empregado, revelam o quão deturpado é a visão que os ocidentais possuem, especialmente das mulheres muçulmanas. A islamofobia, os pensamentos coloniais e a necessidade de um salvador branco para esse povo que vive na “barbárie” exalam na imagem, sem precisar de muito esforço.

Um ponto de destaque, seria a vestimenta como um símbolo de opressão e falta de liberdade. Ao contrário do que muitos pensam, não foi o Talibã quem inventou a burca. Na verdade, foi uma invenção das mulheres Pashtun, que fazem parte de um dos diversos grupos étnicos do Afeganistão. A burca representa uma das formas de privatização dessas mulheres, como uma reclusão que traz segurança e faz a diferenciação dos espaços públicos e privados, inventadas por elas, justamente para não serem notadas por outros homens (ABU-LUGHOD, 2012, p.467).

Portanto, é possível observar como a representação midiática dessas mulheres reforça um discurso mentiroso e islâmofóbico! Uma vez que, o islã é relacionado como uma religião terrorista, opressora e perigosa. As próprias feministas ocidentais não reconhecem, por vezes,

os movimentos e ativismos dessas mulheres religiosas que articulam dentro do próprio islã a luta por seus direitos. Esse discurso de “salvação” reforça uma visão reducionista das mulheres muçulmanas e impõe soluções ocidentais, que pouco dialogam com a verdadeira luta delas. As muçulmanas possuem voz própria e precisam ser escutadas e não salvas.

6 CONCLUSÃO

Ao Longo desse trabalho, buscou-se analisar a representação das mulheres afegãs na mídia ocidental, especialmente no contexto da retirada das tropas americanas do Afeganistão entre 2020 e 2021. Através de uma análise crítica, verificou-se que a cobertura midiática tende a reforçar os estereótipos e discursos de “salvação” que perpetuam uma visão ocidentalizada e muitas vezes distorcida das mulheres muçulmanas.

As pesquisas feitas evidenciaram que a mídia desempenha um papel significativo na formação de opiniões públicas e na construção de narrativas que podem tanto empoderar quanto subjugar os grupos representados. A partir das publicações dos principais editoriais brasileiros, notou-se que a imagem das mulheres afegãs foi frequentemente utilizada para justificar a intervenção norte-americana no país, sob a premissa de resgate e proteção contra a opressão do Talibã. Este discurso de salvação, porém, negligência a complexidade das identidades e das lutas das mulheres muçulmanas, ignorando suas vozes e agências próprias.

Além disso, a análise do feminismo islâmico, demonstrou que há uma diversidade de interpretações e práticas feministas dentro do islã que são frequentemente ocultadas por narrativas hegemônicas ocidentais. O feminismo islâmico, fundamentado no Alcorão, propõe uma visão de igualdade e justiça social que desafia as práticas patriarcais e promove solidariedade entre as mulheres.

Conclui-se que é fundamental uma abordagem mais inclusiva, respeitosa e decolonial por parte da mídia ocidental ao retratar as mulheres muçulmanas. É necessário reconhecer e valorizar suas próprias formas de resistência e luta por direitos, ao invés de impor narrativas de salvacionismo como uma solução neoliberal atreladas ao feminismo ocidental.

7 REFERÊNCIAS

ABU-LUGHOD, Lila. **As mulheres muçulmanas precisam realmente de salvação? reflexões antropológicas sobre o relativismo cultural e seus outros.** *Revista Estudos Feministas*, v. 20, p. 451-470, 2012.

AUGUSTO, Vitória Palmejani; DE SOUZA FRANZON, Erica Cristina. **Além do Véu—A Representação da Mulher Muçulmana na Mídia Brasileira.**

BURITY, Caroline Rangel Travassos. A influência da mídia nas Relações Internacionais: um estudo teórico a partir do conceito de Diplomacia Midiática—Caroline Rangel Travassos Burity (UEPB). **ANAIS II SIMPÓSIO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM RELAÇÕES INTERNACIONAIS DA UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO**, p. 73.

CIDRÃO, Taís Vasconcelos; DA SILVA, Alexandre Antonio. **O Feminismo Muçulmano: Uma Luta Contra o Islã ou Contra o Ocidente?** *Revista Culturas Jurídicas*, v. 4, n. 9, 2017.

LIMA, Bruna Casarotto Pessoa. **A influência da intervenção dos Estados Unidos no Afeganistão para a democratização e desenvolvimento desse país (2001-2010).** 2012.

SIGAR, Special Inspector General for Afghanistan Reconstruction. **What We Need To Learn: Lessons From Twenty Years Of Afghanistan Reconstruction**, august 2021, pp. 1-122.

VELASCO, Giovanna Schiavo. **O fracasso da intervenção norte-americana no Afeganistão.** 2022.

ACEGIS, A. **Índia, Afeganistão e Síria os países mais perigosos para as mulheres.** Disponível em: <<https://www.acegis.com/2018/11/india-afeganistao-e-siria-os-paises-mais-perigosos-para-as-mulheres/>>.

BUSH, L. **washingtonpost.com.** Disponível em: https://www.washingtonpost.com/wp-srv/nation/specials/attacked/transcripts/laurabushtext_111701.html

UMA DERROTA DA CIVILIZAÇÃO. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/edicoes-veja/2752>>.

Antropóloga crítica “postura salvadora do feminismo ocidental”. Disponível em: <<https://www.generonumero.media/entrevistas/afeganistao-mulheres-muculmanas/>>. Acesso em: 8 jun. 2024.

“Mulher afegã não precisa de salvador, mas de mudanças materiais”, diz pesquisadora. Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/2021/08/20/mulher-afega-nao-precisa-de-salvador-mas-de-mudancas-materiais-diz-pesquisadora>>. Acesso em: 8 jun. 2024.

BRUNO, V. **O imaginário orientalista na representação da mulher árabe-muçulmana.** Disponível em: <<https://blog.editoratabla.com.br/o-imaginario-orientalista-na-representacao-da-mulher-arabe-muculmana/>>. Acesso em: 8 jun. 2024.

FOCO, B. IN. **Coluna: Pode a mulher muçulmana falar? - Por Francirosy Barbosa (USP).** Disponível em: <<https://brasiliainfoco.com/coluna-pode-a-mulher-muculmana-falar-por-francirosy-ferreirasp/>>. Acesso em: 8 jun. 2024.

LUCENA, Mariana B. N. de. **“Os Debates do Movimento Feminista: Do Movimento Sufragista ao Feminismo Multicultural”**, 170. Encontro Nacional da Rede Feminista e Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisa sobre a Mulher e Relações de Gênero [s.n], dez. 2012.

MAHMOOD, Saba. **The Politics of Piety. The Islamic Revival and the Feminist Subject.** Princeton e Oxford: Princeton University Press, 2005.

“Objetivo dos EUA no Afeganistão nunca foi construir um país”, diz Biden. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/mundo/objetivo-dos-eua-no-afeganistao-nunca-foi-construir-um-pais-diz-biden>>. Acesso em: 12 jun. 2024.

MOHANTY, Chandra. Under Western Eyes: **Feminist Scholarship and Colonial Discourses**. Humanism and the University I: The Discourse of Humanism, v. 12, n. 3, p. 333-358[s.n], 1984.

BADRAN, Margot. **Feminists, Islam, and nation: Gender and the making of modern Egypt**. Princeton: Princeton University Press, 1995.

VIEIRA, Maria Eduarda Antonino. Religião, feminismo e islã: perspectivas do feminismo islâmico. **Mandrágora**, v. 24, n. 2, p. 5-38, 2018.

O jornalismo canalha: a promíscua relação entre a mídia e o poder. by: **Arbex Jr., José (Arbex Júnior)**, 1957-. Publication date: 2003.

APPELROS, Erica. **Religion och intersektionalitet. Kvinnovetenskaplig: Tidskrift**, v. 2, n. 25, p. 69-80, 2005.

SAIVING, Valerie. **The Human Situation: A Feminine View**. In: eds. CHRIST, Carol; PLASKOW, Judith. **Womanspirit Rising: A Feminist Reader in Religion**. San Francisco: Harper & Row, 1979.

LUGONES, Maria C.; SPELMAN, Elizabeth V. **Have We Got a Theory for You! Feminist Theory, Cultural Imperialism and the Demand for ‘the Woman’s Voice’**. *Women’s Studies International Forum*, v. 6, n. 6, p. 573-81, 1983.

Adichie, C. N. (2019). **O perigo de uma história única**. Brasil: Companhia das Letras.chi

AHMED, Leila. **Women and Gender in Islam**. Londres: Yale University Press, 1992.

MUÑOZ, Gema Martín. **Islam, modernism and the West. Cultural and political relations at the end of the millennium**. Nova York: Tauris Publishers, 1999.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **“Can the Subaltern Speak?”** In: NELSON, Cary; GROSSBERG, Lawrence (Eds.). **Marxism and the Interpretation of Culture**. Urbana: University of Illinois Press, 1988. p. 271-313.

ALMEIDA, Leticia Pereira Miranda Azevedo de. **Intervenção dos Estados Unidos no Afeganistão (2001-2021): o state-building como estratégia de ação fortuita**. 2021.

FDD’s Long War Journal. Disponível em: <<https://www.longwarjournal.org/>>.

UNAMA – **Unites Nations Assistance Mission In Afghanistan. Afghanistan Annual Report on Protection of Civilians in Armed Conflict: 2019**. Publicado em: julho 2020. Disponível em: https://unama.unmissions.org/sites/default/files/afghanistan_protection_of_civilians_annual_report_2019.pdf. Acesso em: 20 de dez. 2023.

Abin confirma ameaça do EI ao Brasil e amplia monitoramento de suspeitos. Disponível em: <<https://www.estadao.com.br/internacional/abin-confirma-ameaca-do-estado-islamico-ao-pais/#:~:text=A%20Ag%C3%A2ncia%20Brasileira%20de%20Intelig%C3%A2ncia>>. Acesso em: 12 jun. 2024.

GILBOA, Eytan. Media diplomacy: Conceptual divergence and applications. **Harvard International Journal of Press/Politics**, v. 3, n. 3, p. 56-75, 1998.

SÁNCHEZ, T. A. **¿Feminismo o feminismos?** Disponível em: <https://tribunafeminista.org/2018/12/feminismo-o-feminismos/#google_vignette>. Acesso em: 12 jun. 2024.

